



WAGNER COSTA
Eu, pescador de mim

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega
Elaboração: Lucy Wenzel e Roseli Novak

Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?'*

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: "trouxeste a chave?".

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpece-nos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam *coisas futuras*.

"Decifra-me ou te devoro."

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: "Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer".²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço móvel, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações

interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que

pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos lingüísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero:
Palavras-chave:
Áreas envolvidas:
Temas transversais:
Público-alvo:

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa, etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

◆ nas tramas do texto

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas, etc.

◆ nas telas do cinema

- Indicação de filmes, disponíveis em VHS ou DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

◆ nas ondas do som

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

◆ nos enredos do real

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- ▶ do mesmo autor;
- ▶ sobre o mesmo assunto e gênero;
- ▶ leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.



WAGNER COSTA

Eu, pescador de mim

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Wagner Costa atuou durante muito tempo como repórter policial em grandes jornais diários de São Paulo, e foi professor de literatura.

Desde 1970, já publicou diversos livros para crianças e adolescentes, a maioria pela editora Moderna.

Wagner Costa trabalha temas sociais em seus livros, quer seu público seja criança ou adolescente. Em seu livro *Quando meu pai perdeu o emprego*, relata sua própria experiência, quando ficou desempregado como professor e jornalista, e acrescenta relatos ouvidos de crianças dizendo que seus pais estavam desempregados. *Se você escreve para criança, pode tudo, menos mentir. Pode criar, fantasiar, fazê-la viajar. Mas, no momento em que aborda temas sociais, você não pode mentir.*

Quando trabalhou como repórter policial, em contato com jovens infratores, percebeu que o índice de violência é inversamente proporcional ao universo da leitura. Para ele, a leitura resgata a cidadania. *Em alguém que lê, a crueldade vai sendo atenuada, porque a pessoa consegue enxergar outros horizontes.* Segundo Wagner Costa, uma criança que lê é senhora de si.

RESENHA

Pepê é um adolescente que ama música e poesia. *Caçador de mim*, cantada por Milton Nascimento, é uma de suas músicas preferidas. Desejoso de se conhecer melhor, de mergulhar profundamente na aventura de viver, de navegar *por mares nunca dantes navegados*, de pescar os seus sonhos que, na rotina do dia-a-dia, encontram-se perdidos, parte para uma aventura no mar.

A bordo da escuna Karina, vive sua experiência mágica. Convive com seus medos e seus desejos, tenta alcançar o horizonte, mesmo sabendo sê-lo inalcançável, mas é justamente lá que moram os sonhos. Com os pescadores, aprende que o mar é para ser respeitado, e não desafiado. Ao jogar as redes, pesca a poesia, a ternura; pesca a si mesmo.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Eu, pescador de mim é um livro muito delicado, é um passeio literário, passando por Vinicius de Moraes, Baudelaire, Fernando Pessoa, parando num porto mitológico com as aventuras de Ulisses, ouvindo o canto das sereias, resistindo ao mau humor de Netuno, o deus dos mares. Pepê busca sua

Pasárgada e a encontra em companhia dos bravos pescadores que saem para o mar todos os dias, e que sabem que nem sempre é *doce viver no mar*.

O desejo de navegar é uma metáfora da vida de Pepê. É o ritual de passagem da adolescência para a vida adulta, é a vitória sobre os medos, é a busca da liberdade, é a busca de respostas para a mais profunda das perguntas: “quem sou eu”. Lançar as redes ao mar é também poder estar pronto para pescar o que vier, é poder lidar com o inesperado, com a surpresa. É encontrar a poesia, é tornar-se pescador de si mesmo.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: novela

Palavras-chave: sonho, poesia, liberdade, coragem, companheirismo

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa

Temas transversais: Trabalho e Consumo

Público-alvo: alunos de 7ª e 8ª séries do Ensino Fundamental

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Analise o título da obra: *Eu, pescador de mim*.

a. A ação de pescar recai, normalmente, sobre um objeto. Como explicar essa ação cujo resultado incide sobre o próprio sujeito? Como é possível ser pescador de si mesmo?

b. O título do livro inspira-se em um dos versos da canção *Caçador de mim*, de Sérgio Magrão e Luiz Carlos Sá, interpretada por Milton Nascimento. Se possível, ouça a canção com seus alunos, acompanhando a letra transcrita no primeiro capítulo “Música na cabeça”. Explore outras possibilidades para o sentido do título a partir da letra da canção.

2. A capa reproduz um horizonte em que se fundem mar e céu. Superpostas à foto, molduras recortam a paisagem e ampliam a ilusão de profundidade. A montagem evoca alguns dos trabalhos de Magritte, pintor surrealista belga.

- Vale a pena apreciar, com seus alunos, reproduções de algumas telas do artista e identificar os aspectos semelhantes.

- Explore, também, as possíveis relações entre o título e a imagem da capa.

Durante a leitura

1. Chame a atenção dos alunos para as epígrafes que abrem cada um dos capítulos. Peça que procurem relacionar o texto da epígrafe ao assunto tratado no capítulo.

2. Algumas das epígrafes são trechos de canções famosas, outras são versos de poetas consagrados, máximas de filósofos, etc. Mas muitas são de autoria de personagens da própria narrativa. Desafie os alunos a identificá-las.

3. Além das epígrafes, há outras citações. Peça para os alunos assinalarem as passagens em que elas ocorrem.

Depois da leitura

♦ nas tramas do texto

1. Recupere as referências a outros textos, como *Canção amiga*, de Carlos Drummond de Andrade: *Preparo uma canção*; *Pasárgada*, de Manuel Bandeira: *Vou-me embora pra Pasárgada / Lá sou amigo do rei*. Converse um pouco sobre esse diálogo entre textos, que se chama intertextualidade. Leia com os alunos os textos de onde foram extraídos os trechos e, se possível, interprete o que significam no texto de origem e o que passam a significar ao integrar o texto de Wagner Costa.

2. O mar exerce uma enorme atração sobre as pessoas. Vários poetas já lhe dedicaram versos imortais. O texto cita o poeta português Fernando Pessoa.

- Peça aos alunos para selecionarem poemas desse escritor que falem sobre o mar: seus abismos e perigos, seus encantos e perdições.
- Organize uma roda de leitura dos poemas selecionados e convide colegas de outras classes para compartilhar esse momento.

3. Tomei um porre de guaraná com os aventureiros que li: *Ulisses, Marco Polo, Simbad, Colombo, Almirante Nelson, Vasco da Gama, Cabral, Camões, Amir Klink.* (Capítulo “Finalmente, um velho lobo do mar”).

- Desafie os alunos a encontrarem informações sobre esses “navegadores”: quais são personagens históricos e quais são personagens ficcionais?
- Organize a turma em grupos e peça que escolham um desses personagens e organize uma breve exposição a respeito das viagens e aventuras que realizaram no mundo real ou no da ficção.

◆ nas telas do cinema

O filme *O lobo do mar* é um clássico do cinema (1941), baseado no livro de Jack London que a Atlanta repõe numa cópia restaurada.

Wolf Larson é o capitão do navio *Ghost*, cuja tripulação se rebela com o tratamento desumano que recebe de seu capitão.

O choque entre os diferentes personagens e como se relacionam dão uma tônica especial ao filme.

◆ nas ondas do som

Pepê, em sua narração, cita versos de letras de algumas canções da música popular brasileira, como: *Caçador de mim*, de Sá e Sergio Magrão, na qual se inspira o autor para dar o título ao livro; *Marcha da quarta-feira de cinzas*, de Vinicius de Moraes e Carlinhos Lyra: *E no entanto é preciso cantar/Mais que nunca é preciso cantar* (Capítulo “Música na cabeça”); *Coisas do mundo, minha nega*, de Paulinho da Viola: *as coisas estão no mundo só que eu preciso aprender* (Capítulo “Pescador de quem?!”); *Atire a primeira pedra*,

de Mário Lago e Ataulfo Alves: *Perdão foi feito pra gente pedir* (Capítulo “A palavra mágica”); *Temporal*, da *Suíte dos pescadores*, de Dorival Caymmi: *Com um tempo deste não se sai/Quem vai pro mar/Quem vai pro mar/Não vem* (Capítulo “Um aventureiro bundão”); *Marinheiro só*, de domínio público: *Ô marinheiro, marinheiro/Marinheiro só/Quem te ensinou a jogar?/Marinheiro só/Foi o tomo do navio/Marinheiro só/Ou foi o balanço do mar?/Marinheiro só* (Capítulo “Navegando”). Procure ouvi-las com seus alunos e relacione-as à história da viagem interior da personagem: Qual a relação entre o conteúdo, o ritmo e o andamento das músicas? As músicas cujas letras levam a uma reflexão interior são mais rápidas ou mais lentas? Que relação podemos estabelecer entre a velocidade da interpretação de uma canção e o que expressa seu conteúdo?

Muitas outras canções que celebram o mar e que não foram citadas poderiam também ser relacionadas com a história de Pepê. Aí vão algumas sugestões: *Timoneiro*, de Paulinho da Viola; *O bem do mar, História de pescadores* e todas as canções do disco Caymmi e *o mar*, de Dorival Caymmi; as cirandas da Lia de Itamaracá. Tem mais? Bem, agora, é com você e seus alunos...

◆ nos enredos do real

1. O contato que o personagem Pepê estabelece com os pescadores permite conversar com os alunos sobre o mundo do trabalho, em geral, e sobre a vida de pescador, em particular.

- *O trabalho é a melhor e a pior das coisas: a melhor, se é livre: a pior, se é escravo.* Alain (Capítulo: “Trabalhadores”)

Discuta com os alunos sobre o que eles entendem por “trabalho livre” e “trabalho escravo”.

- *Pescador é quem ganha menos, apesar de ser ele quem arrisca a vida no mar, tem despesa com o barco, com os ajudantes. Geralmente o pescador trabalha na base do contrato de boca, na palavra, sem registro em carteira, sem garantias trabalhistas.* (Capítulo “Trabalhadores”)

a. Analise, a partir dos depoimentos citados, as condições em que trabalham esses pescadores.

b. Desafie-os a pensar alternativas para melhorar as condições de trabalho.

c. Proponha que pesquisem a respeito de como funciona uma cooperativa. Se houver alguma em sua cidade, convide um representante para conversar com os alunos a respeito.

- Para aprofundar a discussão, visite o site <http://jangadabrasil.com.br/outubro14/of14100a.htm> e leia com os alunos o texto *Não é doce morrer no mar*, de Odorico Tavares.

DICAS DE LEITURA

▶ do mesmo autor

Quando meu pai perdeu o emprego — São Paulo, Moderna

O segredo da amizade — São Paulo, Moderna

Das Dores & Já Passou — São Paulo, Moderna

Amarga herança de Leo — São Paulo, FTD

Em busca de mim — São Paulo, FTD

▶ sobre o mesmo assunto

Para quem quiser mergulhar em aventuras marítimas, aí vão algumas sugestões:

Odisséia — Homero, São Paulo, Edusp

Robinson Crusóé — Daniel Defoe, tradução de Monteiro Lobato, São Paulo, Brasiliense

A ilha do tesouro — Robert Louis Stevenson, São Paulo, Ática

A ilha misteriosa — Júlio Verne, tradução de Carlos Heitor Cony, Rio de Janeiro, Ediouro

O Lobo do Mar — Jack London, São Paulo, Ática

Moby Dick — Herman Melville, São Paulo, Nacional

▶ leitura de desafio

- *O Velho e o Mar* — Ernest Hemingway, São Paulo, Bertrand.

É a história de Santiago, um velho pescador que, embora saísse todos os dias para pescar, não pegava nenhum peixe há oitenta e quatro dias. Entretanto, continuava perseverante e todos os dias saía em busca de seus sonhos, na luta constante pela sobrevivência e na confiança na vida.

- *Relato de um Naufrago* — Gabriel García Marquez, Rio de Janeiro, Record.

É a reconstituição jornalística de um naufrago que esteve à deriva, numa balsa, sem comer nem beber, e que foi considerado herói da pátria, usado como propaganda de um governo autoritário. Quando decidiu contar a verdadeira história, foi abandonado e esquecido.